

das classes, mas, na verdade, a serviço de determinada, ou de determinadas classes. A omissão, a suposta neutralidade, a aceitação da existência de uma área operativa em que tudo se processasse em termos meramente técnicos, tem sido, de velhos tempos, uma das mais caras imposturas da reação. O imperialismo a vem burilando com esmero.

Mas é claro que não há decisão econômica, nem mesmo financeira, que não tenha razões políticas; não existe economia pura. A economia é feita pelos homens e para os homens; traduz os seus interesses, busca racionalizá-los, mas sempre com determinada posição. Todo ato, decisão, lei, na área econômica, corresponde — não é demais repetir — a uma transferência de renda: de uma classe para outra, de uma área para outra, de uma atividade para outra. Não há economia, e jamais houve, sem política. O fato de haver leis econômicas universais, isto é, em vigor em todo e qualquer modo de produção, não importa em divorciar a economia da política, não importa em supô-las desligadas da política. Muito ao contrário. É a reação que busca sustentar a idéia de que é possível fazer economia sem interferência política. O mesmo articulista, em outra oportunidade, escrevera que o Brasil ficara livre, com o golpe de 1964, de duas pragas, “quando uma nova geração de tecnocratas se decidiu a fazer mais economia do que política, substituindo ideologia por pragmatismo”.<sup>231</sup> Não importa mencionar as duas pragas; importa frisar a idéia — cara ao regime — de que o sucesso na economia, do ponto de vista dos interesses dominantes, derivara do distanciamento entre a economia e a política. Por isso mesmo, no referido artigo, o autor afirmava, com ênfase: “inexistem desenvolvimento *dependente* e *independente*”. Isso é tão verdadeiro como dizer que a economia e a política podem ser separadas.

Porque, precisamente, o que caracteriza o chamado “modelo brasileiro de desenvolvimento” é a dependência. A internacionalização da economia, em nossos dias, na área capitalista, não levou, segundo pareceu ao teórico brasileiro, a uma separação entre a economia e a política. Muito ao contrário: levou à derrocada de valores políticos antes caros à burguesia — entre eles, com destaque, o de nação. A burguesia, em escala mundial, já atirara fora, de há muito — e a imagem de Hitler nos faz lembrar isso

<sup>231</sup> Roberto Campos: “A independência dos mendigos”, in *O Globo*, Rio, 21 de junho de 1972.